

A LITERATURA DE CORDEL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA LEITURA NA SALA DE AULA

Maria das Dores Melo de Souza¹
Célia M^a. Barbosa de Moraes Lima²
Gisela Maria de Lima Braga Penha³

RESUMO

O ensino da leitura é um desafio para a escola e, em se tratando de leitura literária, especialmente no ensino Fundamental II, pelo fato de a Literatura não ocupar, na educação brasileira, o lugar merecido, pois percebemos nas escolas, que ela tem sido deixada em segundo plano. Objetivando trabalhar a leitura literária nos gêneros textuais, encontramos no cordel, a possibilidade de associar leitura, literatura e oralidade. Assim, este artigo pretende apresentar uma proposta de intervenção com o gênero textual Cordel, como proposta de ensino. A forma em verso facilita a memorização das formas literárias de tradição oral, ligada à situação sociocomunicativa, constitui uma marca histórica do gênero Cordel, e com todo esse dinamismo, poderá mobilizar o aluno a conhecer e construir a identificação com o gênero. A sequência didática com o cordel “No tempo da minha infância” de Ismael Gaião aqui proposta, aborda não só a estrutura, organização, leitura e interpretação do gênero textual, mas também, as orientações para discussões, com atividades dinâmicas, motivadoras e envolventes que possibilitem uma convivência maior com o gênero cordel, objetivando levar aluno a novos conhecimentos e a uma leitura prazerosa. Na construção deste artigo, serão abordados teóricos como, Marcuschi, Roland Barthes, Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro, dentre outros.

Palavras-chave: Literatura, cordel, ensino, oralidade, escrita.

ABSTRACT

The teaching of reading is a challenge for the school and, in the case of literary reading, especially in Elementary Education II, because Literature does not occupy, in Brazilian education, the deserved place, since we realize in schools that it has been left in the background. Aiming to work the literary reading in the textual genres, we find in the *cordel*, the possibility of associating reading, literature and orality. Thus, this article intends to present a proposal of intervention with the textual genre *Cordel*, as a teaching proposal. The form in verse facilitates the memorization of literary forms of oral tradition, linked to the socio-communicative situation, constitutes a historical mark of the genus *Cordel*, and with all this dynamism, can mobilize the student to know and build the identification with the genre. The teaching sequence with the string "No tempo da minha infância" proposed by Ismael Gaião, addresses not only the structure, organization, reading and interpretation of the textual genre, but also the orientations for discussions, with dynamic, motivating and engaging activities that make possible a greater coexistence with the *cordel* genre, aiming to lead the student to new knowledge and a pleasant reading. In the construction of this article, will be approached theorists like, Marcuschi, Barthes Ana Cristina Marinho and Hélder Pinheiro, among others.

Keywords: Literature, cordel, teaching, orality, writing.

¹ Mestranda em Letras – Profletras/UFAC.

² Mestranda em Letras – Profletras/UFAC.

³ Prof^a de Teoria da Literatura da UFAC. Docente do Profletras/UFAC

INTRODUÇÃO

O trabalho com o ensino da leitura literária nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental não tem se efetivado como deveria. São muitos os desafios deste ensino nos dias atuais. Revela-se uma necessidade inadiável conscientizar o aluno, sobre a importância de conhecer e apreender a diversidade de gêneros textuais. Neste sentido, o presente artigo procura dar ênfase à relevância da Literatura de Cordel para o ensino de língua portuguesa no segundo ciclo do fundamental, de modo a contribuir com o aluno na construção da cultura leitora, colocando-o em contato com vários textos literários de autores brasileiros, que nas diversas regiões de nosso país têm produções, que contam muito da história de seu povo e, através do trabalho com o gênero textual Cordel, buscar evidenciar o quanto este gênero é dinâmico e culturalmente rico, capaz de despertar a criatividade dos alunos, estimulando-os a ler, recitar e escrever esta poesia popular.

A Literatura de Cordel já fez parte das nossas tradições, mesmo com o avanço tecnológico, os cordelistas, especialmente no nordeste brasileiro, continuam com suas composições, seus folhetos, que retratam fatos do dia a dia, o que promove identificação com a massa, que, de um modo geral, provém da zona rural e mantém laços afetivos e históricos com suas raízes, o que valoriza e sustenta essas raízes culturais, fazendo com que as pessoas possam refletir sobre diversos aspectos da sociedade, que estão retratadas nestas composições, que além de mostrar a riqueza das variações linguísticas de nosso país, abordam vários temas, como economia, política, filosofia, dentre outros.

Pensando assim, levar a Literatura de Cordel até a escola significa motivar o aluno a conhecer mais da formação cultural de nosso povo, pois o Cordel faz uma representação do real por meio da linguagem, explorando a plurissignificação do vocabulário, instigando o leitor a participar do texto com seu conhecimento enciclopédico, fazendo uma leitura singular, identificando os diferentes saberes que o texto literário suscita. Ademais, este gênero, pode ser utilizado como um importante instrumento no processo de incentivo à leitura com foco na oralidade, já que são fáceis de memorizar. Sendo o Cordel uma das mais expressivas formas da cultura nordestina, e nós, como descendentes dessa cultura, não devemos deixar essa tradição desaparecer.

Considerando o caráter lúdico, informativo e dinâmico do Cordel, acreditamos que ele irá promover encantamento e envolvimento dos alunos e, a escola enquanto instituição promotora de ensino e cultura pode contribuir para uma prática leitora que aproxime o cidadão de suas raízes culturais e estimule a criatividade e gosto pela leitura como instrumento de conhecimento e prazer.

A literatura sempre esteve presente nos grupos sociais humanos e seu caráter universal, já seria motivo suficiente para conhecê-la, estudá-la e analisá-la. Portanto, a melhor maneira de se estudar literatura é vivenciar a oportunidade que os textos literários oferecem ao leitor, de ver e compreender a realidade de maneira diferente, mudando a percepção dele sobre si e sobre aquilo que o cerca. Não há mais lugar para, nas aulas de literatura, limitar-se a simples classificação de movimentos literários, definição de características, principais autores e obras desses períodos. O enfoque precisa ser na análise do texto literário, explorando a polissemia e os vários saberes que ele transmite. Para Coutinho:

A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. (COUTINHO, 1978, p. 9-10).

Coutinho (1978) deixa claro que o escritor de um texto literário apropria-se do real, transforma-o em ficção, devolve-o ao interlocutor por intermédio dos gêneros. Ao recorrer aos gêneros, o leitor reflete sobre sua condição humana e o meio social em que convive e, a partir daí o modifica.

Compagnon (2009, p. 31) reforça a perspectiva de que, por intermédio da literatura, o homem conhece a si e ao mundo, quando afirma que:

A verdade é que nas obras-primas do romance contemporâneo dizem muito mais sobre o homem e sobre a natureza do que graves obras de Filosofia, de História e de Crítica, “assegurava Zola. [...] A literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo. Um ensaio de Montaigne, uma tragédia de Racine, um poema de Baudelaire, o romance de Proust nos ensinam mais sobre a vida do que longos tratados científicos. (COMPAGNON, 2009, p.31)

Pela citação de Compagnon (2009), a literatura transmite mais verdades que a História e a Filosofia. Desvenda o homem e a natureza com fidelidade, pois discorre sobre tudo o que existe no universo sem precisar comprometer com a veracidade dos fatos, por não ter compromisso com a verdade. Compagnon acrescenta ainda que:

[...] a literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (COMPAGNON, 2009, p. 60).

Segundo o autor, a literatura deve ser lida e estudada porque preserva e transmite experiência dos outros, principalmente de quem está distante de nós, além de despertar a sensibilidade humana com valores distantes e diferentes dos nossos. O texto literário suscita a sensibilidade do sujeito, faz com que ele repense seu comportamento frente a situações polêmicas e com isso, transforme sua maneira de ver o mundo e resolver problemas. Inclusive em alguns casos, repensa seus valores, adquire alguns e descarta outros, humaniza-se.

Barthes (2013) defende que a arte de escrever é o suficiente para que a literatura ganhe destaque e se efetive enquanto manifestação de transformação humana, visto que o indivíduo, pensa, reflete e transforma suas ações e pensamentos de acordo com a sensibilização da arte envolvida na representação literária.

Literatura não é um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela vejo portanto, essencialmente o texto, isto é, ao tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro (BARTHES, 2013, p. 17).

Na citação, Barthes atribui a essência literatura à seleção e combinação dos significantes, ao jogo de palavras, na construção do texto. É a escolha e o enlaçamento da matéria-prima do tecido literário que constitui a literatura. Adverte ainda que, o texto literário não precisa ser um meio de comércio e nem ter como finalidade o ensino, nem tampouco, um instrumento para se transmitir mensagens. O importante, neste caso, é o fazer literário, a construção do texto.

Com as leituras realizadas e a experiência enquanto professoras de Língua Portuguesa, chegamos à conclusão de que é de suma importância o ensino de Literatura na escola, pois talvez, esse seja o único espaço em que alguns jovens tenham acesso a um texto literário, e para este artigo, propomos o ensino de Literatura por meio do gênero textual, letra de cordel, pois além de analisar ao jogo com as palavras, na construção do texto, ainda nos estenderemos a outros saberes por ele transmitido.

HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL

Segundo Marinho e Pinheiro (2012) o Cordel iniciou-se na Europa no século XVII, sendo acessível à grande parte da população da época, por ter uma forma editorial de baixo custo. Era vendido em feiras populares, prática, que no Brasil, persiste até os dias atuais. Seus autores o cantavam ou declamavam tornando o folheto mais atrativo. O Cordel e a música sempre mantiveram estreita sintonia, pois os textos podiam ser em verso ou prosa, também eram comparados por muitos a peças de teatro, e versavam sobre os mais variados temas. Nele encontram-se farsas, historietas, contos fantásticos, escritos de fundo histórico e moralizante etc. O Cordel se desenvolveu em outras partes do mundo, tornando-se assim uma literatura articulada de formas diferentes.

Na França este fenômeno é denominado de “Litterature de Colportage” que eram carregadas nas mochilas entre outras coisas, tais como jornais, enfeites femininos, entre outros sendo uma literatura volante de forma dirigida ao meio rural. “Já nos meios urbanos os franceses divulgavam essa literatura nos Jornais de Sátira, populares ou denominados “*Canard*”.” Em outras regiões como Inglaterra, Holanda e Alemanha, o Cordel era semelhante àqueles nordestinos, tanto na forma literária escrita quanto na visual e suas capas traziam xilogravuras que fixavam aspectos do tema tratado.

No Brasil, a Literatura de Cordel chegou com os portugueses e permanece até a presente data no nordeste brasileiro e em outras regiões do país, tomando a forma de uma literatura confeccionada pelo povo e para o povo, com características próprias, possuindo seus próprios clássicos e mestres. Ela começa a traçar caminhos até se firmar na luta pela resistência e formação da identidade cultural do povo brasileiro. São vários os ciclos que esta literatura popular percorreu até a sua chegada no Brasil. Inicialmente introduzida como literatura colonial, trazia um retrato da metrópole portuguesa com temas europeus, que narravam epopeias de bravuras e conquistas. Posteriormente

passou a ter influência das etnias existentes no Brasil, indígena e africana, com grande tradição na oralidade. Posteriormente, foi identificada com o cançãoeiro nordestino que também fazia uso da tradição oral e expressava a sua poética nas emboladas, hoje conhecido como repente.

Com a chegada da tipografia no Brasil e posteriormente com a sua popularização, a literatura de cordel passou a ser produzida em uma escala considerável, pois no final do século XIX ocorreram algumas práticas de editoras localizadas, principalmente, nas regiões norte e nordeste. As referidas editoras se especializaram na produção de publicações populares direcionadas para o público de baixo poder aquisitivo, aumentando a sua tiragem e conseqüentemente a sua circulação.

Essa produção preservou as características originais impressa em folhetos e com harmonização poética, porém com conteúdo regional, passou a abordar fatos do cotidiano nordestino. Assim, dá-se início a um novo ciclo da literatura de cordel, agora como crônica poética de fatos cotidianos. O processo musical e poético que ocorre nas estrofes de cordel e os desafios caracterizados por textos declamados rapidamente sobre notas repetidas indica a busca por uma identidade. Marinho e Pinheiro (2012) afirmam que

São inúmeros os cordéis que aceitam com facilidade a realização musical. Violeiros cantam e recitam seus poemas. Folhetos escritos para serem lidos ou recitados receberam melodia e em qualquer das situações revelam-nos sua beleza. (MARINHO; PINHEIRO 2012, p. 83).

Um dos fatores de encantamento do cordel é a melodia, proveniente das rimas que são produzidas através de assonâncias e aliterações. Além do propósito de entretenimento, os compositores criam letras que traduzem a cultura e os costumes do homem simples, que labuta no dia a dia para se estabelecer numa sociedade com tanta desigualdade. Segundo Marinho e Pinheiro (2012),

No Brasil, Cordel é sinônimo de poesia popular em verso. As histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores, fazem parte de diversos tipos de textos em versos denominados Literatura de Cordel. Como toda produção cultural, o Cordel vive períodos de fartura e de escassez. Hoje existem poetas populares espalhados por todo país, vivendo em diferentes situações, compartilhando experiências distintas. (MARINHO; PINHEIRO 2012, p. 17).

Nota-se que Literatura de Cordel tem uma importância histórica e cultural de inestimável relevância na manutenção das identidades locais e das tradições literárias regionais, contribuindo para a perpetuação do folclore brasileiro.

LITERATURA DE CORDEL – TRADIÇÃO ORAL E ESCRITA

O gênero Cordel configura-se por trabalhar a oralidade do aluno visto que esta habilidade é aperfeiçoada na escola, muito embora o aluno já chegue à escola sabendo se comunicar. É necessário desenvolver nele atividades que favoreçam o gosto por textos em que se exercite a oralidade. Segundo Porto (2009) podemos considerar que:

[...] No processo de ensino-aprendizagem da língua, o professor deve promover situações que incentivem os alunos a falar, a expor e debater suas ideias, percebendo, nos diferentes discursos, diferentes intenções. Deve promover ainda atividades que possibilitem ao aluno tornar-se um falante cada vez mais ativo e competente. [...] o professor deve planejar e desenvolver um trabalho com a oralidade[...] (PORTO, 2009, p. 22).

Ao trazer esta reflexão para a sala de aula, fica claro que cabe ao professor promover o letramento literário, servindo de mediador, promovendo a conexão entre o texto e seu leitor, contribuindo com situações de ensino, em que o aluno, enquanto sujeito ativo deste processo, possa construir seu conhecimento através da experiencição, desenvolvendo o gosto pela leitura e que ela faça sentido para sua vida.

Definir objetivos claros para a leitura fará com que o aluno justifique a si mesmo, o esforço cognitivo desta ação. Para tudo que realizamos na vida, temos um propósito, e com a leitura não é diferente.

O Cordel é um gênero bastante envolvente e não será difícil mobilizar os alunos nesse trabalho, não só no aspecto da realização da leitura, mas também com a finalidade de trabalhar a oralidade, a eloquência, tantas vezes esquecida pela escola. Neste aspecto, Pinheiro *apud* Lima, declara que:

Nossa perspectiva busca enfatizar o folheto como Literatura - e não meramente como informação, jornalismo e outras abordagens de caráter pragmático. Qualquer que seja a escolha, um aspecto precisa ser reforçado: o folheto é para ser lido. Ele pede voz. A sala de aula nos parece bastante adequada para a vivência da leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral. (PINHEIRO, 2007, p. 39).

Esse modo de trabalhar Literatura constitui-se em uma verdadeira estratégia leitora que pode render bons resultados, dada a variedade de possibilidades que esse conteúdo permite. A linguagem dos folhetos traz em si uma sonoridade e um encantamento, que, muito provavelmente, fará com que os alunos se motivem a praticar a leitura em voz alta, como algo diferente, uma novidade a qual essa faixa etária (ente 13 e 15 anos) gostará de praticar. Esse exercício possibilitará uma reflexão dos leitores sobre seus desempenhos, o que pode contribuir para uma melhoria significativa da prática leitora.

Logo, a leitura oral se faz necessária na sala de aula para que os alunos tenham contanto com os mais diversos textos literários e não apenas como informação sobre a literatura e seus períodos, mas sobre textos de literatura popular, que contribua assim para tornar o aluno um leitor reflexivo a partir da experiência com as mais variadas maneiras que o homem usa para narrar seus sentimentos e seus conflitos sociais. Essa estratégia de leitura encontra-se respaldada nos PCNs, quando declaram:

A possibilidade de interrogar o texto, a diferenciação entre realidade e ficção, a identificação de elementos discriminatórios e recursos persuasivos, a interpretação de sentido figurado, a inferência sobre a intencionalidade do autor, são alguns dos aspectos dos conteúdos relacionados à compreensão de textos, para os quais a leitura colaborativa tem muito a contribuir. A compreensão crítica depende em grande medida desses procedimentos. (PCNS, 1998, p. 45)

A compreensão leitora necessita do conhecimento prévio do leitor, aspecto dialógico presente no processamento da leitura permite preencher as lacunas do que não está literalmente dito, escrito. O texto literário neste aspecto traz consigo uma gama de possibilidades para esse exercício de interpretação e interação, dada a plurissignificação dos textos e a singularidade de cada ser.

O GÊNERO TEXTUAL CORDEL NA SALA DE AULA

Trabalhar com a diversidade de gêneros, colocará o aluno dentro de uma realidade comunicativa plural, considerando que a língua é viva e dinâmica e que a comunicação tanto oral quanto escrita se realiza através dos gêneros. Conscientes deste

fato, os alunos poderão ter mais domínio sobre o que leem diariamente, a fim de atender nossos diversos objetivos e, neste sentido, Marcuschi (2008) é enfático ao afirmar:

Os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

O trabalho com gêneros textuais em sala de aula é uma necessidade inadiável, pois a leitura constitui um direito cidadão e nessa perspectiva, a diversidade de gêneros é uma grande aliada do trabalho do professor.

A mediação leitora, através de estratégias que mobilizem o conhecimento prévio do aluno, concorrerá para a formação do leitor proficiente e a literatura deve ser o carro chefe desse trabalho, considerando o vasto acervo de escritores e poetas brasileiros que muito podem contribuir para uma formação leitora consistente, inclusive, os cordelistas.

O trabalho com o Cordel coloca o aluno em contato com a historicidade de nossas raízes e esse conhecimento pode aflorar o desejo de ler mais, conhecer mais, enfatizando além do aspecto identitário do leitor e sua cultura, o valor e o direito à literatura.

O professor deve ter a consciência de que a Literatura enquanto instrumento cultural libertador, é um direito do aluno e, neste sentido, Cândido (2011) afirma:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; [...] (CÂNDIDO, 2011, p. 177).

Cândido nos faz refletir sobre o valor educativo e emancipador da literatura e, a escola é este espaço privilegiado, no qual o trabalho com letramento literário precisa ser ensinado e estimulado. O estudo com os textos literários pode despertar nos alunos essa necessidade de buscar mais sobre si e sobre o mundo e esse abrir de horizontes, possibilita aos estudantes o desejo de se aprofundar neste universo dialógico que é o

texto literário, rico por essência, mas que precisa ser valorizado, ensinado e estimulado pela escola, neste processo de resgate cultural e afetivo de nossa língua.

Logo, o Cordel como gênero do discurso, contribui na formação do aluno, possibilitando o domínio de outros conteúdos. O professor poderá explorar as variantes regionais, o conceito de moralidade e de religiosidade do povo brasileiro, despertar nos alunos o interesse pela criação de poemas, conduzi-los para que conheçam e compreendam como é retratada a realidade nesses poemas. De acordo com Marinho e Pinheiro (2012):

Experiências culturais fortes e determinantes de grandes obras artísticas como o Cordel – seu valor não está apenas nisto – estão praticamente esquecidas e a escola pode ser um espaço de divulgação destas experiências. Sobretudo mostrando o que nelas há de vivo, de fervescente, como ela vem sobrevivendo e adaptando-se aos novos contextos socioculturais. Como elas têm resistido em meio ao rolo compressor da cultura de massa (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 128).

Os autores deixam claro que se fazem necessários, procedimentos metodológicos que orientem o trabalho com o Cordel, o que pode favorecer o diálogo com a cultura da qual o aluno provém e poderá buscar novas vivências e conhecimentos, além do mais propiciar ao mesmo conhecer a contribuição do Cordel na formação do povo brasileiro.

Autores como Marinho e Pinheiro (2012) apresentam algumas sugestões para o trabalho com a literatura de Cordel: atividades envolvendo toda a escola podem ser realizadas. Uma boa estratégia é a realização de uma Feira de Literatura de Cordel. Ela pode ser realizada em uma tarde, uma manhã, durante um dia; por exemplo, ser uma atividade específica, mas também figurar dentro de uma semana cultural, artísticas etc. Ela pode compreender diferentes atividades:

- Folheteiros vendendo seus folhetos;
- Emboladores e violeiros cantando, fazendo desafios, improvisado;
- Exposição de xilogravuras e de folhetos antigos e/ou novos;
- Murais com reportagens sobre cordelistas e literatura de cordel em geral;
- Palestras e oficinas de criação de poemas de cordel, realizadas por poetas locais.

A feira pode conter outras atrações. Tudo dependerá de como o trabalho será feito, como os alunos foram estimulados e das considerações materiais para trabalhar,

assim como da própria inventividade. O mais importante de tudo isso é que a Literatura de Cordel seja percebida como uma produção cultural de grande valor e que precisa ser conhecida, preservada e cada vez mais integrada à experiência de vida de nossas gerações. Portanto, muitas são as possibilidades do trabalho com o gênero Cordel na sala de aula.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Ao criarmos uma proposta de intervenção, há alguns pontos relevantes que devem ser levados em conta, mas talvez, o principal seja qual a melhor estratégia para fazer com que o conteúdo seja apreendido pelo aluno. Como trabalhamos com texto literário, é preciso respeitar suas características singulares: a capacidade de transfigurar o real, de recriar a realidade (COUTINHO, 1978). Esse é um ponto crucial porque, a literatura é ficção, mas trata, sempre de temas que dizem respeito à realidade dos seres humanos. É justamente por isso, como afirma Compagnon (2009), que ela pode transmitir, refletir sobre experiências que dizem respeito ao ser humano. Como o texto literário consegue construir tais questionamentos? Estamos agora, na visão barthesiana (2013), no campo do jogo de palavras, na capacidade dos escritores de “jogarem” com os signos e, a partir deles, propiciar a criação de um texto literário com sua inúmera capacidade de significação.

Assim, ao olharmos para a teoria aqui exposta, propomos uma metodologia que busque unir aspectos teóricos a aspectos metodológicos cujo objetivo principal é criar uma possível identificação entre os alunos o texto literário, pois este parece ser um dos caminhos profícuos para que haja interação entre os alunos (leitores) e o texto literário.

Na primeira atividade será exibido o vídeo com a música “Aquarela”, do Toquinho. Em seguida pedir que os alunos que fechem os olhos e lembrem-se da infância, o que comiam, do que brincavam e de que sentem saudade. Deste modo, podemos contribuir para aflorar nos alunos a plurissignificação do texto literário, promovendo um “mergulho” em si mesmo através das possibilidades que o vídeo propõe, oportunidade em que se recria a realidade. Tal metodologia encontra consonância na obra de Cândido (1978), quando defende o caráter humanizador da literatura, visto que estamos imersos em uma sociedade complexa na qual precisamos

viver dialeticamente conosco e com nosso próximo e a literatura possibilita esse autoconhecimento, o que favorece as relações como um todo.

Após este momento, será promovido um debate para que os estudantes socializem suas lembranças, em uma troca dialógica que oportunize o crescimento interacional da turma, valorizando o caráter humanizador que é próprio da literatura. A atividade foi criada com a intenção de sensibilização, não só por meio da música, mas também por meio da memória.

A segunda atividade será a leitura da letra do cordel “No tempo da minha infância”, de Ismael Gaião. Neste momento se fará um questionamento aos alunos sobre o autor do cordel, se já ouviram outras produções dele, ou de outros cordelistas. Após a fala dos alunos, se apresentará a biografia de autor:

Ismael Gaião da Costa é agrônomo, Mestre em Melhoramento Genético de Plantas, funcionário público federal, lotado na UFRPE - Estação Experimental de Cana-de-açúcar de Carpina. Ismael Gaião, nasceu em Condado-PE, Zona da Mata Norte de Pernambuco, em 07 de maio de 1961. Atualmente reside no Recife-PE. É filiado à UNICORDEL - União dos Cordelistas de Pernambuco, faz parte da equipe de Poetas Declamadores. Publicou mais de 40 (quarenta) Cordéis e diversas poesias (sonetos, matutas, sociais). Assina a Coluna de um jornal, na qual publica poesias, prosas e contos. Conquistou o 1º lugar na 4ª RECITATA - 2009 (concurso de poesia declamada) da Fundação de Cultura da Cidade do Recife, com nota 10 (dez) no Júri Popular, declamando a poesia MENINO DE RUA. Seu primeiro: "UMA COLCHA - Cem Retalhos", foi publicado em março de 2011, pela CEPE - Companhia Editora de Pernambuco, do Governo do Estado, também lançou o CD de Poesias Declamadas, "CAUSOS E CORDÉIS", em parceria com o Poeta Felipe Júnior, em abril de 2010, na UFRPE. Realiza o Show "Estandi-upi de Poesia Matuta", em parceria com o poeta Felipe Júnior e o Show "Tripé da Rima", com a poetisa Susana Morais e o poeta Felipe Júnior. (Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/autores/ismaelgaiiao>>. Acesso em: 12 março 2017)

Após a leitura, distribuir a letra do cordel “No tempo da minha infância”. Pedir aos alunos que façam uma leitura silenciosa, que procurem identificar o significado das palavras desconhecidas e em seguida o professor media uma leitura colaborativa, buscando regatar as memórias e enfatizando os elementos linguísticos, inclusive a prosódia. Em seguida, solicitar aos alunos que comparem a infância deles com a do eu-lírico atentando para as semelhanças e diferenças, focando no que existe de positivo e negativo em cada uma, visando, instigá-los a comprovarem com elementos do texto, os seguintes questionamentos: O que existe de real, concreto e o que é ficção na letra do cordel? Que palavra ou enunciados têm plurissignificação, polissemia? A que outros

saberes o texto se reporta? O que está sendo abordado que geralmente não se estuda em Língua Portuguesa? Que recursos estilísticos? Que figuras de linguagens foram empregadas no texto para enfatizar a linguagem conotativa?

Tais atividades buscam, entre outros objetivos, resgatar o trabalho com a oralidade e a importância da memória afetiva. Assim, é possível trabalhar com o texto literário em um de seus componentes principais, como já dissemos: a capacidade que a literatura tem de tratar de temas humanos. Esta atividade que está em sintonia com a obra de Compagnon (2009, p. 35), quando se refere à “literatura como meio de preservar e transmitir experiência dos outros”, atividade que nos aproxima, identifica com o próximo, humaniza.

A terceira atividade será a exibição do vídeo com a declamação do texto lido, associando-o às cantigas trovadorescas. Há, aqui, um interessante componente, o qual é peça integrante do texto literário: a intertextualidade, que não deve ser deixada de lado justamente por sua imensa possibilidade de estabelecer relações no tempo e no espaço. Tal estudo promoverá um resgate histórico e social, aspectos que estão contemplados na obra de Marinho e Pinheiro (2012) que abordam a beleza da literatura de cordel, os poemas cantados. Toda essa riqueza cultural aproxima o aluno de suas raízes, de sua história, o que o fará se reconhecer na literatura, como parte pulsante dela. Trabalhar a leitura literária na escola é, dentre outras coisas, construir um sentido maior para essa leitura, é aguçar no estudante essa relação amorosa que podemos ter com os livros e que os textos literários são fontes inesgotáveis de conhecimento e muito prazer.

A quarta atividade será pedir aos alunos que tragam para a sala de aula cordéis da região em que moramos e mediar uma rodada de leitura, em que cada um declamará o que trouxe. Há aqui a busca pela identificação entre aluno e texto literário, objetivando-se que o aluno se reconheça através da literatura e suas vicissitudes, além de favorecer o ensino e a aprendizagem do uso competente da língua pelos discentes, exercitando a oralidade em público, suscitar debates, levando os alunos a perceberem os inúmeros discursos, as diferentes intenções que estão presentes nas falas, de acordo com o que defende Porto (2009).

A última atividade será propor aos alunos que relatem suas histórias de vida quando eram crianças através de versos cordelísticos, podendo trocar os elementos da narrativa, de real para ficcional. A partir disto, depois de revisados pelo professor, os textos dos alunos serão expostos em um barbante para a apreciação da comunidade

escolar. Novamente há a busca pela identificação entre texto e aluno, assim como criar possibilidades de diálogo entre realidade e ficção, elemento constitutivo de todo texto literário, acrescida à valorização da produção textual dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse artigo, percebemos o quanto há por ser feito pelo ensino da literatura em nossas escolas. Promover a leitura na escola é uma necessidade inadiável, pois é um instrumento de conhecimento que pode contribuir com o amadurecimento do leitor a fim de interagir socialmente com mais competência.

Ao privilegiar a literatura de cordel nesse artigo, tivemos como objetivo não só valorizar essa produção literária, mas também apontar caminhos para que o professor possa trabalhar com esse gênero literário.

É importante dizer, também, que o cordel pode ser visto como uma porta de entrada para textos mais complexos, não só do ponto de vista temático, mas estrutural. Assim, a partir dele, poderíamos trabalhar com textos de Ariano Suassuna, Gil Vicente. Se partirmos da origem e constituição dos textos de cordel, poderemos vislumbrar várias possibilidades de trabalho. Ao explorar o texto do ponto de vista melódico, podemos estabelecer relações com as cantigas medievais, por exemplo. Se nos voltarmos para a questão temática, novo leque de possibilidades surge que, se colocado de maneira adequada, nos permite discutir temas de nosso tempo, de nossa sociedade e, mais ainda, de nossa humanidade, o que pode contribuir para dirimir a visão de que a literatura é feita de textos “velhos” destituídos de ligação com nosso tempo.

O trabalho com a literatura de cordel indica um caminho que pode proporcionar ao aluno uma experiência muito proveitosa, considerando a riqueza da poesia presente nos escritos cordelistas. Traçar estratégias que potencializem a proficiência leitora do alunado, aproximando-os das raízes de nosso povo.

É necessário dizer que, de uma maneira geral, não encontramos no ambiente escolar, trabalhos que compactuem com a ludicidade do texto literário e sua imensa capacidade de significar. Esse posicionamento teórico-metodológico talvez possa ser uma contribuição essencial para o ensino de literatura. Ao retirar a literatura de seu ostracismo em tempos pós-modernos e visualizar toda sua potencialidade, poderemos, talvez, resgatar não só o trabalho adequado com o texto literário, mas também uma

característica fundamental que se perdeu ao longo do processo de escolarização da literatura: o conhecimento do homem e do mundo, seu poder de refletir acerca do que nos torna humanos, de nós, seres humanos.

REFERÊNCIAS

ACRE. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações Curriculares para Ensino Fundamental** – Caderno 01 – Língua Portuguesa. Rio Branco – Acre, 2010.

BARTHES, R. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, (1998).

BRASIL. Secretaria da educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais/língua portuguesa**. Brasília. MEC/SEF. 1998.

CANDIDO, A. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COUTINHO, A. **Notas de teoria literária**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

COSTA, P. P. de M. **A contribuição do cordel no processo de aprendizagem de alunos do 9º ano na escola pública municipal de Novo Lino**. Disponível em: <<http://www.dmd2.webfactional.com>>_Acesso em 20 de agosto de 2016.

LIMA, F. L. **A literatura de cordel na sala de aula**: uma reflexão sobre a experiência no estágio de literatura ensino fundamental. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br>> Acesso em 24 de agosto de 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**: São Paulo: Cortex, 2012.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

PORTO, M. **Um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba: Aymar, 2009.

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

SANTOS, G. N. S. **A exposição oral:** nos anos iniciais do ensino fundamental. São Paulo: Cortex, 2012.

SOUZA, R. J. et FEBA, B. L. T. (Org.). **Leitura literária na escola:** reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

RECANTO DAS LETRAS. Disponível em:
<http://www.recantodasletras.com.br/autores/ismaelgaiiao>>. Acesso em 12 de março de 2017